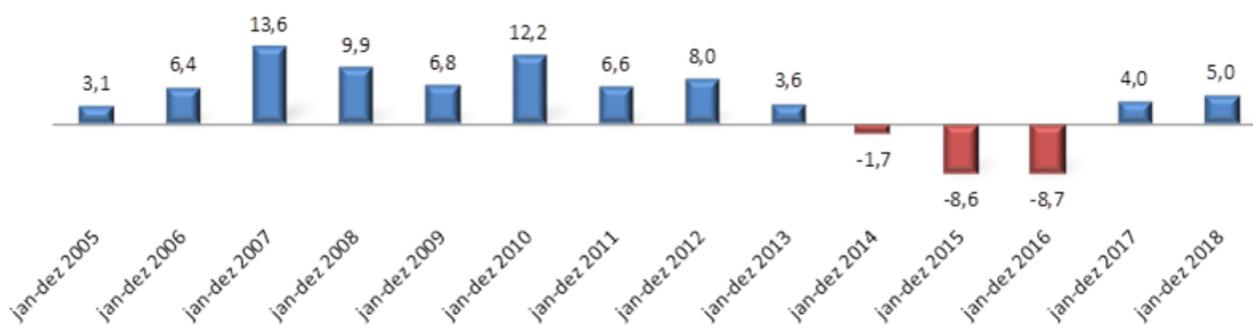


VAREJO CRESCEU EM 2018, MAS AINDA NÃO RECUPEROU METADE DO ESTRAGO CAUSADO PELA CRISE

Apesar da lentidão da economia, inflação e juros historicamente baixos se combinaram ao aumento da confiança, permitindo alta real nas vendas pelo segundo ano seguido. Para 2019, a CNC projeta alta de 5,6% no varejo ampliado e de 2,5% no varejo restrito.

O volume de vendas do varejo ampliado acumulou alta de 5,0% em 2018, segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada hoje (13/02) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse foi o segundo resultado anual positivo do setor após as perdas significativas decorrentes da recessão encerrada em 2016 (em 2017, houve avanço de 4,0%). No conceito restrito – que conta com apenas oito dos dez ramos do varejo – houve alta também pelo segundo ano (+2,3% em relação a 2017).

QUADRO 1
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO AMPLIADO
(VARIAÇÕES % EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR)



Fonte: IBGE

No conceito ampliado do varejo, a crise durou 48 meses e gerou uma perda acumulada de volume de vendas de 22,1% entre agosto de 2012 (recorde de vendas anterior à crise) e agosto de 2016 (mês de menor volume de vendas). Em valores monetários, essa retração foi de R\$ 29,5 bilhões a preços de dezembro de 2018. Desde então, o setor recuperou R\$ 13,1 bilhões, ou seja, 45% do estrago acumulado ao longo da última recessão.

Dentre os dez segmentos avaliados, destacaram-se positivamente o comércio automotivo (+15,1%), lojas de utilidades domésticas (+7,6%) e farmácias, perfumarias e lojas de cosméticos (+5,9%). Assim como em 2017, sete dos dez segmentos varejistas registraram aumento de vendas no ano passado. O destaque negativo ficou por conta dos segmentos de livrarias e papelarias (-14,7%) e da venda de combustíveis e lubrificantes (-5,0%) – este prejudicado pela greve dos caminhoneiros no primeiro semestre e pela alta no preço dos combustíveis nos meses que se seguiram.

Por trás dos resultados positivos de 2018, há, claramente, a contribuição positiva da ainda baixa taxa de inflação (+3,75%). No comércio varejista, os preços dos bens de consumo duráveis (+1,67%), semiduráveis (+0,89%) e não duráveis (+3,32%) apresentaram variações abaixo do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

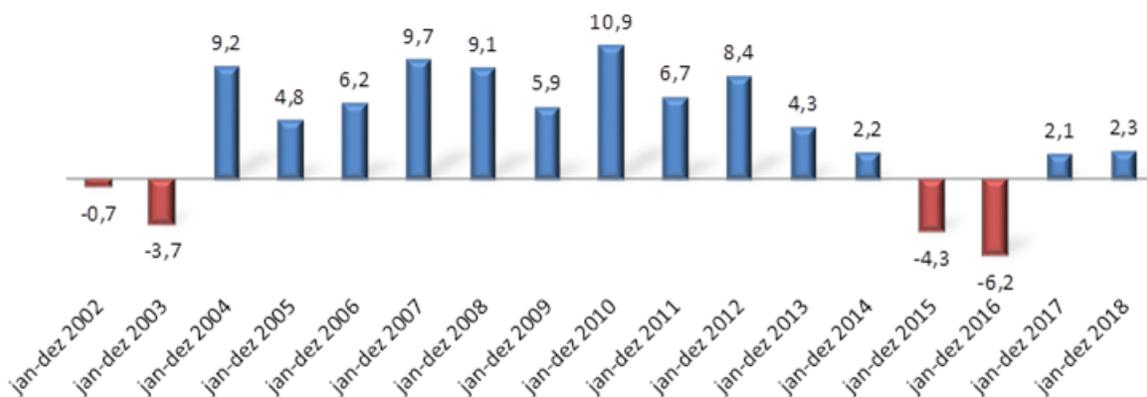
A baixa demanda abriu espaço para a manutenção da taxa básica de juros no piso histórico ao longo de todo o ano. Dessa forma, nos ramos do varejo em que as vendas a prazo cumprem papel relevante, a taxa de juros ao consumidor seguiu a tendência de queda já observada em 2017. Segundo dados do Banco Central, a taxa média de juros ao consumidor para a obtenção de recursos livres cedeu 55,0% ao ano para 48,9%. Mantidos praticamente estáveis os prazos, a prestação média paga pelo consumidor apurou recuo de 7,1% em relação a dezembro de 2017.

No plano regional, a difusão na reação do varejo se fez presente através do aumento de vendas em 25 das 27 unidades da Federação (92,6%) – maior índice de difusão desde o ano de 2013 (100%). Os destaques regionais positivos foram as taxas percebidas nos Estados do Espírito Santo (+13,5%), Rondônia (+10,6%) e Santa Catarina (+10,4%).

A evolução real das vendas através da PMC confirmou, portanto, a continuidade do processo de recuperação do varejo no ano passado, tendência também confirmada pela recuperação do emprego formal no setor, no ano passado (+71,5 mil vagas), e pela retomada da abertura líquida de lojas (8,1 mil em 2018) após quatro anos.

Para 2019, o maior ritmo de atividade econômica e o papel desempenhado pelo consumo das famílias no Produto Interno Bruto (PIB) deverão permitir que as vendas no varejo mantenham tendência de alta. Somados a esses fatores o ambiente de inflação ainda baixa e juros efetivos menores, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) projeta alta de 5,6% no volume de vendas do varejo ampliado e de 3,0% no conceito restrito.

QUADRO 2
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO RESTRITO
 (VARIAÇÕES % EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR)



Fonte: IBGE